

"Fábrica" vai produzir

Crianças entram às 8 e saem às 17 horas

Rio A "fábrica de escolas" que o governador José Aparecido visitou, e que servirá de modelo para experiência semelhante no DF, desenvolve uma técnica própria, cuja base é a argamassa armada. Tem capacidade para produzir não apenas o material necessário para a construção de escolas de pequeno e médio porte, mas também oferecer infra-estrutura aos locais onde elas serão instaladas. A infra-estrutura inclui saneamento básico, urbanização e abrigos em paradas de ônibus.

Na "fábrica" projetada pelo arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, trabalham 650 operários e a produção diária (a instalação é feita depois) é de uma escola e meia por dia. A diferença básica entre as escolas construídas pela "fábrica" e os "brizolões" é que elas são feitas à base de argamassa. Este processo, desenvolvido por Filgueiras Lima, permite que a escola cresça horizontalmente, conforme as necessidades, até atingir a capacidade máxima de 400 a 500 alunos.

Já os "brizolões" — denominação dada pelo secretário estadual de Cultura, Darcy Ribeiro, aos Centros Integrados de Educação Pública — são executados por empreiteiras especializadas em pré-moldados. Eles foram projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer para atender a mil alunos, cada um.

TURNOS ÚNICOS

O governador José Aparecido se interessou pelo sistema de turno único, uma das metas previstas no programa especial de educação do governador Leonel Brizola. O horário já é cumprido nos "brizolões" (as crianças entram às 8 e saem às 17h) e será estendido gradativamente às escolas construídas pela "fábrica", que estão sendo montadas em locais onde há carência de escolas públicas. Desta forma, pretende-se desafogar os colégios antigos e eliminar progressivamente o terceiro turno, pelo qual as crianças só têm três horas de aula por dia.

A "fábrica" também projeta as chamadas casas da criança, para a faixa do pré-escolar (de três a sete anos). Funcionam no Rio oito destas casas, atendendo a cerca de 60 crianças.

As escolas fabricadas possuem apenas um andar, enquanto os "brizolões" têm três (no térreo ficam os serviços de assistência médica, refeitórios, salas

de lazer; no segundo e terceiro andares estão as salas de aula e a parte administrativa; e na cobertura funcionam duas "residências", uma de cada lado, onde moram ao todo 24 menores abandonados, orientados por dois casais). Pela manhã funcionam nos Cieps todas as séries do 1º grau e à noite cerca de 600 jovens (de 14 a 20 anos) participam do Programa de Educação Juvenil, que não é um curso supletivo, mas tem por objetivo alfabetizar os que não frequentaram as escolas tradicionais.

Até o fim do ano deverão ser inaugurados 60 Cieps, dos quais dois estão em pleno funcionamento, tendo um deles o nome de Tancredo Neves. Foi instalado em maio na primeira visita que fez o presidente Sarney ao Rio, depois de ser eleito. Outros 100 Cieps deverão estar concluídos até o início do ano letivo em 86 e mais 140 até o final do Governo Brizola, perfazendo um total de 300. Segundo dados levantados no Tribunal de Contas do Estado, só para os primeiros 160 Cieps serão gastos Cr\$ 960 bilhões, mais a desapropriação dos terrenos e as despesas com água, luz e esgoto.

Embora não se questione o desafio do projeto (as crianças tomam café, almoçam, lancham e jantam na escola), considerado arrojado em termos de renovação do ensino de primeiro grau, os "brizolões" despertam as mais variadas expectativas. Os educadores os encaram como experiência válida, mas alertam para o fato de que a rede tradicional de ensino está sendo relegada a segundo plano, desprovida de recursos.

Outros alegam ser boa a iniciativa da escola integrada, mas questionam a continuidade do projeto, caso o Governo Brizola não faça seu sucessor em 86. Há ainda os que vêm na proposta uma medida centralizadora, tendo em vista que o ensino de primeiro grau é atribuição do município e não do Estado. O gigantismo do projeto — mil alunos em cada escola — também tem a sua eficiência posta em dúvida, já que são necessárias desapropriações de terrenos, quando se poderia equipar escolas menores, que atendessem a um quarteirão, por exemplo, com participação direta dos pais e responsáveis. Os mais pessimistas afirmam que os Cieps são escolas de fachada com objetivos meramente eleitoreiros.

Uma escola e meia por dia
no novo sistema que Aparecido quer trazer para DF